

MARIA CÂNDIDA MONTEIRO PACHECO

NO SÉTIMO CENTENÁRIO DA MORTE DO FILÓSOFO E TEÓLOGO HENRIQUE DE GAND

O costume de se celebrar o aniversário da morte em substituição da data do nascimento, como era hábito pagão, foi desde muito cedo uma especificidade cristã; testemunham-no autores tão antigos como Tertuliano ou Cipriano ¹. Apraz-nos registar este dado no momento em que um condicionalismo histórico, que nos faz ignorar a data do nascimento de Henrique de Gand, nos obriga em alternativa plenamente justificada e carregada de sentido, a repensar o seu contributo filosófico-teológico ao comemorarmos o sétimo centenário da sua morte. De facto na filosofia, a reavistação do passado só tem sentido se por intermédio dessa operação o passado se nos dirige pela diferença reconhecida da distância e da manutenção da cadeia histórica da verdade que nos interpela na situação concreta do nosso tempo e dos desafios que este nos lança à luz da perspectiva produtiva de uma verdade histórica. Por isso, cumprindo o seu propósito editorial de oferecer “um espaço de encontro e de diálogo para todos os medievalistas”, bem como de contribuir para a activação dos estudos sobre o pensamento da Idade Média, *Mediaevalia Textos e Estudos* associa-se à efeméride que ocorre neste ano de 1993 publicando no presente volume um número representativo de importantes e inéditos estudos sobre o Pensamento e a Obra de um pensador do passado cuja reavistação julgamos ainda pertinente, Henrique de Gand.

¹ Cf. V. SAXER, *Morts, martyrs, reliques en Afrique chrétienne aux premiers siècles*, Paris, 69-73, 105-7, 157-58.

Todos os artigos aqui publicados são da autoria de alguns dos seus maiores especialistas internacionais.

Raymond Macken (Universidade de Lovaina), que é o coordenador dos *Opera Omnia*, assina dois artigos de temática afim que se inscrevem no seu mais recente programa que tem consistido em estudar o pensamento político e social de Henrique de Gand; o autor procura mostrar-nos a actualidade das concepções de Henrique relativas à temática da guerra justa, à sua concepção sobre o ideal da magnanimidade ou heroísmo, à violência e ao direito de revolta contra a injustiça.

É conhecido o relevante e tão particular tratamento que Henrique de Gand deu ao problema do infinito. Ludwig Hödl (Universidade de Bochum) estuda-o em duas vertentes (material-quantitativo e divino) e em dois textos distintos (*Summa* e o comentário à *Física*), contextualizando a dualidade no quadro da época, ou seja, em como se tratando de uma dupla mas não contraditória verdade acerca do infinito.

Gordon Wilson (Universidade de Xavier, Luisiana) reflecte sobre a eviternidade e o tempo esclarecendo o modo como estes dois problemas se estruturam na ontologia de Henrique de Gand cujo traço mais específico consiste na tendência de todo o ser criado para o não-ser.

Também Jos Decorte (Universidade de Lovaina) se dedica a um dos temas mais característicos da metafísica do Gandavense, a doutrina das relações. Optando por confrontar o autor com Tomás de Aquino, para além de enquadrar textual e historicamente esta doutrina, ele elucida-nos da razão pela qual Henrique não pôde aceitar sem reservas o modelo aristotélico da substância.

Ainda sobre o infinito, mas agora relacionado com a estrutura do mundo e o 'status' da perfeição das criaturas, se ocupa o estudo de Pasquale Porro (Universidade de Bari), que a propósito de mostrar a coerência e a legitimidade da concepção essencialista que o gandavense tem do real com o necessitarismo aviceniano e a contingência, traça pela documentação aduzida um útil panorama histórico da questão na altura em debate.

Finalmente, Mário de Carvalho (Universidade de Coimbra), que edita este volume, traduz para português uma 'quaestio' quodlibética que considera nuclear para o acesso à metafísica de Henrique de Gand.